

HOMENAGEM À KLAUS EICHNER: lembranças de uma amizade, de laços entre dois países

Breno Augusto Souto Maior Fontes¹

Eliane Maria Monteiro da Fonte²

Antônio Luz Costa³

Este número da revista é especial não pelo tema proposto, mas pelas pessoas que contribuem. São pessoas que estão ou estiveram ligadas ao Instituto de Sociologia (*Institut für Soziologie*) da Universidade de Hamburgo e pessoas pertencentes ao Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Os laços que unem estas pessoas começaram a ser construídos há algum tempo, há quase vinte anos. E o *broker*, o professor Klaus Eichner. Em Pernambuco, esta rede foi iniciada a partir de um encontro, quando Klaus conheceu o professor José Carlos Wanderley⁴. A partir daí há uma série de outros, em Recife ou em Hamburgo, com participação cada vez mais ampliada de professores e alunos das duas Universidades.

Os depoimentos que se seguem são de pessoas que conviveram com Klaus. Em Hamburgo, o círculo de alunos e colegas da Universidade é representado pelo professor Antônio Luz Costa, que estudou na Universidade de Hamburgo, com Tese de Doutorado orientada pelo professor Klaus. Representam a UFPE os professores Breno Fontes e Eliane da Fonte, que participaram em atividades de pesquisas e de coordenação de cooperação acadêmica em parceria com Klaus.

São, como veremos, relatos de experiências oriundas das memórias afetivas, recordações que foram marcadas de forma seletiva, não menos

¹ Professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

² Professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

³ Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

⁴ Na ocasião, professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE.

importante que o simples relato do encadear dos fatos. A seletividade da memória significa reconstruir a história segundo biografias, recontadas segundo lembranças de fatos experimentados a partir da singularidade do indivíduo, recortada de afetos e vidas cruzadas. Pois, segundo Ricoeur, nos lembramos daquilo que fizemos, experimentamos ou apreendemos em determinada circunstância particular”⁵. E é esta particularidade que imprime a importância e riqueza destes depoimentos, em homenagem ao professor Klaus Eichner.

*Ja, das war es dann für heute*⁶

Antônio Luz Costa

O que mais além de lembrar podemos fazer para manter uma pessoa conosco, seja ela presente ou não? O lembrar, um esforço da memória. É quase o que fazemos quando a pessoa evocada está viva, mas não perto de nós. Quando lembramos de uma pessoa viva no mundo de nossas vidas biológicas, mas longe do espaço atual em que estamos, direcionamos a memória para produzir o efeito do pensamento que desejamos: a satisfação ou necessidade de lembrar de alguém e crer que ele está vivo agora, em algum lugar. Tudo incerto, mas muito real para nós.

Desde que soube da ausência espacial de Klaus Eichner até este momento, sempre tenho direcionado involuntariamente a memória para a expectativa de que parte do conjunto daquela pessoa está presente. Talvez não mais tão forte, não mais tão recorrente nas remissões dos armazéns semânticos de nossas memórias. Mas as concatenações das lembranças estão presentes; e, assim, alguma parte está presente.

Se lembro de Hamburgo, lembro de Eichner também. Tudo vem junto, as pessoas, os bairros, a universidade, as coisas que fiz. Ele está lá, no meio disso, parte da estrutura que mantém essas imagens presentes para mim. Eu não controlo muito bem essa configuração. Por que eu deveria controlar? Se

⁵Ricoeur, Paul. *A memória, a História, o esquecimento*. Campinas, Editora da UNICAMP, 2007.

⁶“Então, por hoje era isso.”

eu o fizer, deixarei de lado justamente certas partes que julgamos ausentes e assim colaborarei para tal ausência. Como isso é possível? Acho que nos esforçamos para destruir um fluxo de conexões que seria mais natural, mais duradouro, caso o deixássemos lá, entre uma memória e outra, conectando com mais vigor e ensinamento partes que podem se tornar importantes.

Há registros que no mínimo influenciam parte deste trabalho de memória, aqueles que se quer “biográficos”, servindo a uma ideia de início, meio e fim. É isso? Principalmente, é assim: meio e fim? Início ocorre com seu nascimento, em 1945. Mais tarde, após curso de graduação em Ciências Sociais pela Universidade Erlangen-Nurnberg, Eichner conclui, em 1970, o mestrado pela mesma instituição e, em 1974, o doutorado pela Universidade de Hamburgo, onde trabalhou como professor titular de 1983 até 2012. Nessa universidade, além de suas atividades como docente e pesquisador, foi decano da Faculdade de Ciências Sociais, diretor-executivo do Instituto de Sociologia, diretor do Programa para os Estudos de Sociologia, representante do Departamento de Ciências Sociais na Comissão Mista para o Programa de Mestrado Internacional de Criminologia e membro do Conselho Administrativo do Centro de Pesquisa de Reabilitação e Prevenção. No decorrer dessas funções, coordenou ininterruptamente a linha de estudos sobre *Problemas Sociais* e *Sociologia do Desvio* naquela instituição. No plano de produção científica, eu diria que sua influência maior foi a valorização e reconhecimento da necessidade de aplicação empírica de teorias sociológicas, preocupação herdada fundamentalmente de seu orientador de doutorado, Karl-Dieter Opp, que havia sido orientado por René König.

Forte era o sentimento que Eichner desenvolveu pelo Brasil. Não somente gostava de estar aqui, ou de estar com brasileiros, como também se empenhava na evolução dos laços científico-acadêmicos com a Alemanha. Estava sempre disposto para planejar e empreender pesquisas que unissem Hamburgo com Recife e Rio de Janeiro, principalmente. Dessa dedicação, resultou, entre outros, a idealização e determinante execução da possibilidade de diploma binacional entre as Universidades de Hamburgo e Federal de Pernambuco e do convênio de cooperação entre Hamburgo e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, em vigor desde 2011, ambos na área de sociologia.

Nessa linha biográfica, minha conexão com Eichner se inicia em julho ou agosto de 1994. Eu recém havia chegado à Alemanha. O caminho inicial para conhecer a universidade, seus professores e a possibilidade de estudar lá foi como aluno convidado. Este convite havia sido emitido pelo professor Hermann Korte, para que eu estudasse Norbert Elias, autor que muito me interessava e sobre o qual havia naquela época pouca discussão e literatura traduzida no Brasil. Mas eu tinha um interesse principal que era entrar no curso de sociologia, na linha de pesquisa “*Problemas sociais e comportamento desviante*”, da qual Eichner era coordenador. Minha companheira na época, Regina Wolf, havia feito este contato inicial com ele. No primeiro encontro que tivemos notei, com certo espanto de brasileiro acostumado com complicações burocráticas, elevada capacidade de atenção e síntese do objeto que preparava a disposição para simplificar os problemas e resolvê-los se possível na hora - essa percepção se tornaria constante, em muitos dos encontros que tive com ele, até o último, no início de 2012, em Hamburgo. Foi assim que, após uma conversa sobre meus estudos anteriores e planejamentos futuros, ele emitiu um parecer para ser agregado à minha solicitação de vaga na universidade de Hamburgo, como aluno regular. Um ou dois meses depois obtive a vaga e desde então sempre fora seu aluno, na graduação, no mestrado e no doutorado.

As aulas de Eichner que tinham o formato de seminário eram basicamente a apresentação que um ou dois alunos faziam sobre determinado texto e uma discussão sobre o mesmo. Nesta última parte o interessante era sua interpretação mais atualizada e exposição de exemplos (frequentemente com bases em problemas) sobre o texto. Eu ia com os artigos lidos e, após escutar Eichner, finalizava as aulas com muitas anotações novas com conteúdo que extrapolava os básicos obrigatórios. Isso era bem estimulante, pois geralmente me rendiam reflexões sobre conexões que eu não havia pensado antes. Esse ir bem além dos textos com auxílio de críticas e exemplos práticos é um procedimento que tento aplicar em minhas aulas atuais na Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus. Além de vários tipos de seminários, tive com ele também aulas de estágio de pesquisa empírica e colóquios para apresentação do plano de doutorado. Nestas aulas a ajuda de seus auxiliares era importante. Nos meus últimos anos na universidade de

Hamburgo, este cargo era de Sabina Stelzig-Willutzk, que logo viria a se tornar minha amiga. Mais tarde, quando eu já morava no Brasil, conheci sua última assistente, a Wiebke Bruns.

Uma cena interessante, que pode ilustrar parte importante do estilo de atuar de Eichner, era sua Sprechstunde (horário de atendimento, no caso, acadêmico). Normalmente os professores da universidade de Hamburgo ofereciam uma hora semanal (às vezes duas) para atender os estudantes. Na porta de cada professor havia uma folha A4, com um espaço para inscrição de um número limitado de alunos, que era frequentemente de 4 a 6 por atendimento semanal. Chegávamos na frente da folhinha e colocávamos nosso nome nela, caso ainda houvesse espaço. Se não houvesse e, mesmo assim, colocássemos o nome em alguma parte da folha, dependeria da vontade do professor abrir a exceção ou exceções, pois tal abertura lhe tomaria mais tempo, claro. Escrever o nome abaixo das linhas determinadas para o atendimento já não ocorria com frequência. Muito menos o professor abrir a exceção. Com Eichner aquela folhinha era mera formalidade, ou talvez uma tentativa lúdica dele, não sei. Em sua porta, a folhinha pendurada tinha linhas para uns dez nomes, que já era um número generoso; mas abaixo da última linha quase sempre havia uma lista de mais uns 15 alunos... Além deles, não era raro chegarem outros, que não se inscreviam. O corredor ficava cheio. Conheci melhor vários colegas de curso, conversando com eles enquanto esperava pela chamada. E para o espanto daqueles que não estavam acostumados com a cena, todos eram atendidos. E não era um atendimento afoito. Normalmente ele ficava durante toda a tarde, tentando resolver, atenta e generosamente, os problemas de seus estudantes, até que abrisse sua porta, olhasse para os lados e dissesse sem muito alarde: “*Ja, das war es dann für heute*”.

Sinto falta dessas cenas, acho que sempre sentirei. Será estranho voltar a Hamburgo, sem passar na uni e conversar com Eichner.

A história de uma grande amizade

Breno Augusto Souto Maior Fontes

A cooperação com a Alemanha, entre o Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco e o Instituto de Sociologia da Universidade de Hamburgo, tem início final da década de 1990, ocasião quando conheci Klaus e descobrimos a possibilidade de empreendermos pesquisas conjuntas.

Em 1997, tivemos duas visitas do professor Klaus Eichner.⁷ Os trabalhos desenvolvidos por Klaus centraram-se, em um primeiro momento, em discussões com a equipe de pesquisadores do *Núcleo de Cidadania, Exclusão e Processos de Mudança (NUCEM)*, do PPGS, no sentido de estabelecer diretrizes para um trabalho conjunto. Identificando áreas temáticas entre o NUCEM e o *Núcleo de Problemas Sociais, Comportamentos Desviantes e Controle Social*⁸ do Instituto de Sociologia da Universidade de Hamburgo, dirigido por Klaus, estabeleceu-se um convênio preliminar de Cooperação entre as duas Universidades.

A segunda visita do professor Klaus Eichner e da professora Tatjana Lüning, assistente do prof. Eichner, realizada entre os meses de setembro a dezembro de 1997, teve por objetivo iniciar os trabalhos de cooperação acadêmica. Neste sentido, Klaus desenvolveu um produtivo trabalho nesta sua estadia em Recife, oferecendo um curso sobre exclusão social aos alunos da pós-graduação e contribuindo para o desenvolvimento das pesquisas realizadas pelo NUCEM, especificamente participando no treinamento da equipe de trabalho dos coordenadores deste grupo de pesquisa (eu e o professor Paulo Henrique Martins). Merece especial destaque a contribuição de Klaus para a realização do levantamento de dados da pesquisa sobre redes sociais, por mim coordenada. Os dados (já levantados) foram objeto de análise a partir do modelo teórico-conceitual da “*network analysis*”, conjunto sofisticado de técnicas estatísticas apoiado por softwares especialmente desenvolvidos para este fim. Neste caso, foi utilizado um software desenvolvido pela equipe

⁷ O professor Klaus Eichner esteve em Recife em março (com financiamento alemão) e de setembro a dezembro (com financiamento do CNPq) de 1997.

⁸Soziale Probleme, Abweichendes Verhalten und Soziale Kontrolle

do professor Klaus⁹. Também neste período trabalhamos na concepção do projeto de pesquisa comparativa sobre redes sociais egocentradas, em uma perspectiva intercultural, a ser desenvolvida proximamente, que tinha por objetivo empreender comparativamente um estudo sobre a estrutura das redes sociais egocentradas nas cidades de Recife e Hamburgo. Esta pesquisa foi finalizada com sucesso, e seus resultados foram publicados em revistas periódicas brasileiras e alemãs.¹⁰

Voltando da Universidade de Harvard em 1998, após um termo de 10 meses enquanto professor visitante, e familiarizado com o campo teórico das redes sociais, surgem ideias para o desenvolvimento de parceria mais ampliada, em conversa com Klaus sobre de seu interesse por este domínio teórico, e de sua *expertise* em metodologia de pesquisa. A sugestão então era bastante atraente: por que não trabalharmos juntos, em esforços de pesquisa binacional sobre o tema da exclusão social, dos movimentos urbanos e das Organizações não governamentais, que nos interessavam? Neste momento, eu trabalhava com uma importante agenda de pesquisa, inscrita nos trabalhos do NUCEM. A temática das redes e sociabilidades já estava colocada, mas, ainda de forma incompleta. Eu tinha, a partir de pesquisas realizadas durante meu *séjour* em Harvard, sistematizado a literatura sobre capital social e terceiro setor. O texto introduz os importantes conceitos de redes, e sua relação com a organização da sociedade civil, na relação entre o desenho das redes e o processo de mobilização de recursos. Mostra que os recursos que resultam em solidariedade podem ser alocados a partir do mercado ou do Estado, e também desde práticas que se originam nas

⁹ A referida pesquisa, concluída em 1997, foi desenvolvida sob a minha coordenação e com a indispensável colaboração do Prof. Klaus, a partir de comunicação via internet. Em 1999, iniciamos uma outra pesquisa sobre Redes Sociais e ONGs, finalizada em 2001.

¹⁰ Ver por exemplo: FONTES, Breno A. S. M.; EICHNER, Klaus. Sobre a Estruturação de Redes Sociais em Associações Voluntárias: Estudo empírico de organizações não governamentais da cidade do Recife. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. XVI, n.1/2, p. 186-221, 2002; FONTES, Breno A. S. M.; EICHNER, Klaus. A formação do capital social em uma comunidade de baixa renda. In: Paulo Henrique Martins; Brasilmar Ferreira Nunes. (Org.). *A Nova Ordem Mundial: Perspectivas da solidariedade contemporânea*. 01ed. Brasília: Paralelo 15, 2004, v. 01, p. 215-242; FONTES, Breno A. S. M.; EICHNER, Klaus. (Org.). *Brasilien zwischen Globalisierung und Territorialitätsfrage*. 1ed. Hamburg: GEWIS Verlag, 2004, p. 73-97.

sociabilidades cotidianas. É importante observar que muitos recursos não podem ser conseguidos através da alocação mercantil ou estatal, e que estão disponíveis somente a partir dos laços sociais estabelecidos no dia-a-dia, no mundo da vida: diversos tipos de recursos não podem ser obtidos através do mercado. Informações, apoio emocional, suporte financeiro, ou ajuda na guarda de crianças ou em caso de doença são exemplos que facilmente se replicam no cotidiano de cada um de nós. Estando presente nas redes de amigos, parentesco ou vizinhança, ou nas organizações de trabalho voluntário, estes recursos são alocados de forma particular, não obedecendo à lógica do mercado ou do Estado¹¹. E há o registro de vários alunos do PPGS que empreenderam pesquisas sobre o tema.

Faltava ainda construir uma base metodológica mais sólida, que possibilitasse o uso dos recursos de análise das redes sociais para a compreensão destas práticas de sociabilidade tão presentes nos cotidianos das vidas dos pobres urbanos do Brasil. O recorte teórico-metodológico da ARS (análise de redes sociais) permite-nos, com a utilização de instrumentos de pesquisa que possibilitem, para além das análises estatísticas tradicionais, a incorporação das medidas relacionais, destacar questões importantes não trabalhadas nos estudos tradicionais sobre sociabilidades. Vale também assinalar que a instrumentalização empírica desse conceito aplicada a uma comunidade de baixa renda no Brasil nos proporciona testar hipóteses antes construídas para realidades de países do norte do hemisfério, o que nos permite verificar o que de geral pode-se apreender do fenômeno (Isto é, algo que tenha validade para contextos socioeconômicos diferentes), e as suas manifestações particulares introduzindo a metodologia da Análise das Redes Sociais, desenho metodológico que ainda é incipiente no Brasil. Cabe, com efeito, destacar o que afirma Marques (2010:50)¹²

¹¹ FONTES, Breno A. S. M. Capital Social e Terceiro Setor: sobre a estruturação das redes sociais em associações voluntárias. In: Paulo Henrique Martins; Breno Fontes. (Org.). *Redes Sociais e Saúde: novas possibilidades teóricas*. 1ª ed. Recife: Editora da UFPE, 2004, p. 49-76.

¹² MARQUES, Eduardo. *Redes Sociais, Segregação e Pobreza*. São Paulo, Editora da Unesp, Centro de Estudos da Metrópole, 2010.

A literatura sobre redes pessoais não é tão vasta ou consolidada [...] O único estudo brasileiro publicado até o momento sobre redes pessoais discute o tema é o de Fontes e Eichner (2004)¹³, que analisam as redes egocentradas em uma comunidade de baixa renda no Recife, avaliando a sua contribuição para a construção de capital social.

Este momento registrado por Marques foi precedido pelas primeiras aproximações na direção de uma longa trajetória de parceria, iniciada em 1997, quando Klaus nos visitou, permanecendo conosco durante um mês, conforme já mencionado.

Em março de 2001, Klaus esteve novamente em Recife, ocasião onde apresentou palestras à comunidade acadêmica e realizamos trabalhos juntos, objetivando modelar o levantamento de dados da pesquisa sobre relés sociais. Em 2002, Klaus ministrou um curso sobre *Metodologia de tratamento de dados de Redes Sociais* para alunos do PPGS e do Programa de Pós Graduação em Ciência Política, e ainda continuamos nos trabalhos da pesquisa sobre relés sociais.

Em 2002 viajei a Hamburgo, com bolsa de pesquisador visitante financiada pelo DAAD¹⁴. Era a minha primeira estadia na Alemanha, e a novidade da cultura germânica, da cidade e do ambiente acadêmico certamente foram tão importantes quanto as atividades acadêmicas programadas. E este é exatamente o ponto onde se deve buscar a receita para um empreendimento bem sucedido: as pessoas, o acolhimento desde sempre caloroso, a apresentação do outro a partir dos mínimos detalhes. Fui, destarte, apresentado à cultura alemã a partir do anfitrião, e sua excelente equipe. Naquele momento, Sabina Stelzig-Willutzki e Antônio Luz buscaram o melhor para me proporcionar o que fosse possível para uma boa

¹³ FONTES, Breno; EICHNER, Klaus. (2004) A Formação do Capital Social em uma comunidade de baixa renda. *Redes. Revista Hispánica para el Análisis de Redes Sociales*, vol 07, PP. 01-33.

¹⁴ Escritório Alemão para o Intercâmbio Acadêmico (Deutscher Akademischer Austauschdienst).

estadia. O que de fato aconteceu: muito trabalho, mas também excelentes encontros, pessoas e lugares, ambientes novos, enfim, a descoberta do que é indispensável para um cientista social: o outro, a prática intercultural.

Em janeiro de 2003 fiz uma nova viagem a Hamburgo, ocasião quando estava em Paris em um estágio pós-doutoral na Universidade de Nanterre. Eu estava com um artigo em preparação em parceria com Klaus – e precisava trabalhar os dados. Permaneci na casa de Klaus durante uma semana, ocasião quando finalizamos a análise dos dados para um artigo, publicado posteriormente. Ao lado do trabalho, uma importante e calorosa interação, na convivência diária com Klaus, Corina, sua esposa, e seus três filhos. Klaus morava em Norderstedt, uma agradável cidade fora da cidade de Hamburg, com extensa área verde. Que permitia, por exemplo, a existência de pretinha, uma égua de estimação, que Klaus criava, e que sempre trazia para uma área perto de sua casa. E que também permitia longos passeios a pé pela redondeza. Naqueles tempos de inverno, o passeio ao ar livre, mesmo para alguém do nordeste do Brasil, é revigorante. O cuidado a atenção e o carinho se estendiam a todos da casa.

Quando do meu regresso ao Brasil, Corina me prepara um pacote com pães típicos da Alemanha, aqueles com vários grãos: escuros, claros, mais ou menos encorpados. Dizia ela que os pães da Alemanha, embora menos afamados, são incomparáveis aos franceses. Voltei a esta casa depois numerosas vezes, em encontros e festas com estudantes e colegas professores. Sempre encontros agradáveis que trazem ótimas lembranças.

A nossa trajetória de pesquisa culminou na execução no projeto CAPES-PROBAL¹⁵, iniciado em 2004, inaugurando uma longa parceria institucional entre a Universidade de Hamburgo e a UFPE. Primeiro, com o PROBAL, projeto destinado à pesquisa e formação acadêmica pós-graduada, por mim coordenado; depois o UNIBRAL¹⁶, iniciado em

¹⁵ O programa PROBRAL, resultado da parceria entre a Capes e o DAAD, apoia projetos conjuntos de pesquisa desenvolvidos por grupos brasileiros e alemães vinculados a Instituições de Ensino Superior e/ou Pesquisa (<http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/alemanha/probral>).

¹⁶ O programa UNIBRAL também é executado pela Capes em cooperação com o DAAD e tem como objetivo apoiar projetos de parceria entre universidades brasileiras e alemãs para promover o intercâmbio de docentes e estudantes de graduação, na modalidade sanduíche (<http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/alemanha/unibril>).

2006, destinado ao intercâmbio entre professores e alunos dos cursos de Graduação em Ciências Sociais/Sociologia das duas Universidades, coordenado pela professora Eliane da Fonte.¹⁷

Durante este período¹⁸, trabalhamos pesquisas centradas em temáticas de redes, sociabilidades e poder, com recortes empíricos orientados para três grandes eixos: Organizações Não Governamentais, Movimentos Sociais Urbanos e Saúde. Ressalte-se a importante colaboração entre os laboratórios de pesquisa, o NUCEM da UFPE e o Laboratório de Problemas Sociais da Universidade de Hamburgo, na nossa associação, na construção de modelos de metodologias para análise dos dados de rede e também na redação de artigos científicos. Os trabalhos de levantamento de dados e análise nos permitiram a publicação de artigos em importantes revistas científicas.

Muito além dos trabalhos, a rica convivência, o encontrar renovado dos amigos a cada ano, revigoram enormemente a vida acadêmica. Afinal, não se trata exclusivamente de trabalhar dados, de discutir resultados, de publicar. São pessoas que estão lá metidas, e as pessoas contam. Os anos subsequentes foram coroados de encontros (alguns deles ampliados, com participação de redes de pesquisa da Argentina, Portugal, Rússia; encontros com parceiros antigos e formação de novas alianças), e de realizações: seminários, colóquios, publicações....

A minha estadia em Hamburgo em 2010, em estágio pós-doutoral, me permitiu estabelecer uma vivência mais intensa com a cidade, e desenvolver com Klaus atividades de trabalho mais regulares. Destas atividades deve-se registrar a intensa participação de Klaus na elaboração do livro de minha autoria, publicado em 2012;¹⁹ Klaus, sempre atencioso, respondia com prazer as minhas indagações, fornecia-me informações valiosas sobre o *état d'art* do campo de pesquisa sobre redes sociais. Também como destaque, registro a participação ativa do Prof. Klaus em pesquisa sobre o universo acadêmico das redes no mundo lusófono, desenvolvido em parceria com pesquisadores da Universidade de Lisboa, que resultou em uma publicação,

¹⁷ Mais adiante teremos o depoimento da professora Eliane da Fonte sobre este período.

¹⁸ O projeto CAPES-PROBAL se estendeu por quatro anos, entre 2004 e 2008.

¹⁹ FONTES, Breno A. S. M. *Redes Sociais e Poder Local*. 1ª ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. 292 p.

a última com participação do Prof. Klaus.²⁰ Klaus nos deixou em 2012. Lembro-me bem, estava em Lisboa, participando de um Congresso, quando recebi um e-mail informando de seu falecimento. Fiquei consternado, escrevi uma brevíssima carta a Corina, sua companheira, e passei o restante da noite lembrando-me da pessoa extraordinária que acabava de nos deixar.

Voltei a Hamburgo em 2014, em missão do Projeto CAPES-UNIBRAL, do qual fui também participante. A cidade já não é mais a mesma com o desaparecimento do professor Klaus Eichner, já não existem os animados encontros, em sua casa, ou nos cafés no entorno da Universidade. As conversas e o reencontrar de velhos amigos também não são mais a mesma coisa. Ainda guardo boas lembranças da cidade, tenho ótimos amigos que lá moram e que cultivo com cuidado. Mas os lugares que passo trazem lembranças de Klaus, e os corredores da Universidade não mais se apresentam como o lugar onde a vida acadêmica e a amizade se cruzam.

Klaus Eichner e a cooperação entre a Universidade de Hamburgo e a UFPE no âmbito dos cursos de graduação

Eliane Maria Monteiro da Fonte

Meu primeiro contato com o professor Klaus Eichner ocorreu em abril de 2005, quando estive na Universidade de Hamburgo em missão científica no projeto CAPES-PROBAL, coordenado pelo professor Breno Fontes²¹. Na ocasião de minha estadia havia sido organizado um Simpósio de pesquisa intitulado “*Family, Social Network and Healthcare Research Seminar (Workshop)*”,²² como parte das atividades do PROBAL, que Klaus (era pelo primeiro nome que eu o chamava e assim o faço aqui) não pode participar, por causa de problema grave de saúde de um de seus filhos, que veio a falecer no ano seguinte. Mas, mesmo assim, ele encontrou tempo

²⁰ Trata-se do artigo que está publicado neste dossiê.

²¹ Discutido na seção anterior, do qual também fui participante.

²² Como resultado deste seminário foi organizado e publicado uma coletânea de artigos dos participantes: EICHNER, Klaus (Org.); FONTES, Breno A. S. M. (Org.). *Familie, Soziale Netzwerke und Gesundheitspolitik*. Münster/Hamburg/Berlin/Wien: LIT-Verlag, 2009. v. 01. 216p.

para um breve encontro comigo e Breno, no qual, em uma rápida conversa, foi direto ao ponto de seu interesse: “*Podemos elaborar um projeto de cooperação e intercâmbio para a graduação, vocês teriam interesse?*”. Tão rápida como ele, me dispus a elaborar o projeto, atendendo ao Edital do UNIBRAL da CAPES/DAAD, que seria publicado em junho. Submetemos o projeto e, neste mesmo ano, tivemos a aprovação do UNIBRAL para o período 2006-2007. Posteriormente, o projeto foi renovado por mais dois anos (2008-2009), se encerrando em julho de 2010, com o retorno dos alunos brasileiros em missão de estudos.

Nesta primeira versão do projeto UNIBRAL²³ participaram de missões de estudo na Universidade de Hamburgo (com duração de um ano letivo) 10 estudantes dos cursos de Graduação em Ciências Sociais (Bacharelado e Licenciatura) da UFPE. Do lado alemão, 14 alunos(as) do curso de Bacharelado em Sociologia da Universidade de Hamburgo realizaram missões (de um semestre) na UFPE. O projeto de cooperação entre o Departamento de Ciências Sociais²⁴ e o Instituto de Sociologia da Universidade de Hamburgo teve um caráter inovador no que se refere aos cursos de graduação e atendeu a uma demanda crescente de participação e desfrute de experiência de formação internacional por parte de alunos de graduação. Para mim foi uma surpresa descobrir que tantos estudantes de graduação, dos dois países, tivessem capacidade de atender cursos na língua do país parceiro. Mas, o curso de Ciências Sociais demonstrou, ao longo destes primeiros quatro anos de duração do projeto, que possuía um razoável contingente de alunos que se encontravam em condições acadêmicas de participar de um programa desse tipo.

Ao aluno participante do intercâmbio foi dada a oportunidade de ter o seu curso tradicional acrescido de uma série de informações e estudos que lhes possibilitaram complementar o seu perfil científico e acadêmico como

²³ O programa é executado pela Capes em cooperação com o DAAD e é atualmente dividido em duas modalidades: UNIBRAL I e UNIBRAL II (que propicia duplo-diploma de graduação).

²⁴ O Departamento de Ciências Sociais foi desmembrado em três departamentos, um dos quais é o Departamento de Sociologia, ao que pertencem, que deu continuidade à cooperação.

cientista social. Foi oferecido também aos alunos visitantes algo próximo ao modelo de ensino alemão, onde além de um conjunto de disciplinas obrigatórias, o aluno tem ampla liberdade de escolha nos componentes curriculares eletivos, o que proporciona uma formação mais personalizada. Os alunos visitantes eram vinculados ao curso de Ciências Sociais, mas poderiam também participar de disciplinas de outros cursos ofertados pela UFPE.

Os alunos brasileiros que participaram do intercâmbio, em seus relatórios e em reuniões de avaliação realizadas conosco, relatavam a boa acolhida na Alemanha de Klaus, sempre receptivo e pronto a resolver todos os problemas dos alunos, assim como colocava a disponibilidade de uma infraestrutura de apoio (alojamento da universidade, restaurante, acesso a computadores, o vasto acervo das bibliotecas, etc.). Mencionavam a dificuldade inicial com a língua alemã, superada no segundo semestre do curso, graças não só a prática da língua, mas também ao apoio fornecido pelo Curso de Alemão oferecido pela Universidade de Hamburgo. Em uma perspectiva individual, eles apresentavam relatos das experiências desenvolvidas em função de seus interesses acadêmicos específicos, mas ressaltavam a importância do intercâmbio nas suas trajetórias acadêmicas, para a formação profissional do cientista social e como experiência cultural. Relatavam ainda a oportunidade de conhecer algumas linhas teóricas que são fortes na Alemanha, mas que no Brasil são pouco trabalhadas, pelo menos na graduação.

Os alunos participantes do intercâmbio do lado alemão também reafirmavam a importância da experiência internacional, tanto do ponto de vista acadêmico como de enriquecimento pessoal. Nos seus relatórios eles relatavam a boa receptividade e a disponibilidade dos professores da UFPE no fornecimento de orientação acadêmica e afirmavam não terem tido problema no acompanhamento das aulas. Para eles também foi facilitada a participação em cursos de português para estrangeiros, oferecidos pelo Núcleo de Línguas do Departamento de Letras da UFPE. O projeto se tornou muito requisitado pelos alunos alemães, levando Klaus a ampliar o número de participantes a cada ano, com apoio do DAAD (que financiava a vinda dos alunos alemães). Eles conseguiam fluência no português com

uma facilidade impressionante, mesmo quando chegavam com dificuldades na língua. Todos os alunos cursaram as disciplinas com êxito e sempre se mostravam entusiasmados com sua experiência na UFPE.

Os professores integrantes do projeto UNIBRAL participaram de missões de trabalho de curto prazo, onde foram desenvolvidas ações vinculadas ao acompanhamento das atividades acadêmicas dos alunos no âmbito dos cursos de graduação, bem como, participação em seminários e realização de palestras, além de reuniões voltadas especificamente para a divulgação e fortalecimento do projeto de intercâmbio. Do lado brasileiro participaram de missões de trabalho, no período 2006-2007, os professores Josefa Salete Cavalcanti, Remo Mutzenberg e Paulo Henrique Martins, além de mim, como coordenadora do projeto na UFPE. Em 2006, realizei o Pós-Doutorado no Instituto de Sociologia da Universidade de Hamburgo, no âmbito da Cooperação CAPES-PROBAL e, durante período, também participei ativamente de todas os encontros, discussões e atividades relativas ao UNIBRAL.

No período da renovação do projeto (2008-2009), foram realizadas missões de trabalho dos professores Breno Fontes e Peter Schröder (da área de Antropologia, que na ocasião era coordenador do PET dos cursos de Ciências Sociais), além das minhas duas missões de trabalho anuais, como coordenadora do projeto. Do lado alemão, no quadriênio 2006/2009, participaram de missões Klaus Eichner (quatro missões), Angela Riemer e Wiebke Bruns (uma missão de trabalho cada), com o mesmos propósitos.

Klaus era apaixonado pelo Brasil e fazia questão em vir todos os anos em missão de trabalho. Com o encerramento do projeto (que tinha a duração máxima de quatro anos), ele demonstrou seu enorme interesse em elaborar um novo projeto. Em 2010, com a primeira publicação do Edital do Programa UNIBRAL II,²⁵ que previa a dupla titulação dos alunos participantes, submetemos um novo projeto e obtivemos sucesso, tendo sido este o primeiro e único projeto aprovado no Brasil e na Alemanha, porque

²⁵ Na ocasião, por impedimento contido no Edital da CAPES, eu não poderia participar do projeto. Assim, o professor. Jonatas Ferreira, em resposta ao meu convite, prontamente concordou em assumir a coordenação do novo projeto na UFPE. Como não havia impedimento por parte do Edital do DAAD, Klaus concorreu à seleção como o coordenador do lado alemão.

nós fomos os únicos a concorrer, conforme anunciou Klaus em e-mail enviado em 25/07/2010: “*Falei com DAAD e entendi que nosso pedido é o único pedido dentro do UNIBRAL II, e a pessoa do DAAD disse que “precisamos demais de pedidos...”. Por isso estou pensando que a chance é muito alta...*”. O seu e-mail, enviado em 04/11/2010 para a antiga e nova equipe do projeto UNIBRAL, retrata sua alegria com o resultado:

“Prezados colegas,

Provavelmente vocês já sabem, mas eu recebi, ontem, a mensagem do DAAD, que o nosso pedido de UNIBRAL II foi aprovado do CAPES/DAAD e será financiado.

Estou muito contente com isso. Daqui pouco teremos que falar sobre a organização concreto do projeto.

Aqui, por [causa da] renovação do currículo do B.A. [Bacharelado em Sociologia] tive que modificar o convênio em alguns pontos não significativos. Vou mandar esta versão em português em pouco tempo.

Um abraço e até mais,

Klaus”

Outro e-mail, enviado em 23/12/2010, para a nova equipe do UNIBRAL II demonstra sua receptividade para conosco:

“Caros colegas,

Desejo um feliz natal e um bom ano novo, da Alemanha afundada em neve. Fico satisfeito com as suas visitas UNIBRAL II em Hamburgo no ano que vem.

Um abraço,

Klaus”

As duas primeira missões de trabalho do UNIBRAL II foram realizadas por Jonatas Ferreira (como coordenador do projeto)²⁶ e Cynthia

²⁶ Em 2012, cessado meu impedimento, voltei a coordenar o projeto na UFPE.

Hamlin, em 2011 Nesta nova versão do projeto, que foi executado no período de 2011 à 2015, 20 alunos brasileiros e 10 alunos alemães participaram de missões de estudo. Com o projeto UNIBRAL II, a participação de alunos dos cursos de Ciências Sociais da UFPE ficou restrita aos alunos do curso de Bacharelado, por causa de exigência de equiparação dos currículos para a concessão da dupla titulação.

No que concerne aos estudantes brasileiros em missão de estudo, do mesmo modo que no projeto anterior, estes informaram que foram muito bem recebidas por Klaus e demais professores, não havendo relatos de problemas enfrentados por eles na resolução de questões relativas a sua estadia, burocracia ou na vida acadêmica. Neste período, com a ampliação do número de alunos brasileiros participantes, houve dificuldades para se conseguir vagas nos alojamentos estudantis. Mas, mesmo assim, o que crédito ao esforço pessoal de Klaus, a maior parte dos estudantes brasileiros ficou alojada em residências estudantis da Universidade de Hamburgo (16 dos 20 alunos que participaram das missões), tendo a chance de convivência com outros estudantes estrangeiros de todo o mundo, o que lhes possibilitou uma grande vivência multicultural.

No caso das missões de estudo dos alunos alemães também se repetiu o entusiasmo e satisfação com a experiência do intercâmbio do projeto anterior. A ausência de simetria quanto ao número de missões de estudo de alunos alemães (10), quando comparado com o número de missões de alunos brasileiros (20), se deu pela maior disponibilidade de bolsas para os estudantes brasileiros (quando a CAPES estabeleceu a possibilidade de concessão de até sete bolsas), permitindo assim que um número maior de alunos fosse selecionado. Além disso, considerando a estrutura do perfil do curso na UFPE (que engloba as áreas de Sociologia e Antropologia), não existia nenhum obstáculo acadêmico para os alunos do curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFPE participarem das missões de estudo, se aprovados no processo seletivo.

No caso dos estudantes alemães, foi mantida a oferta de três bolsas, conforme definido no projeto original (mantidas pela Universidade de Hamburgo mesmo com a interrupção do financiamento do DAAD por um ano, em decorrência da morte de Klaus Eichner em 2012), mas existiam outras

dificuldades na seleção dos alunos, devido a exigência da compatibilidade do perfil curricular para a dupla titulação. Na Universidade de Hamburgo os alunos são vinculados a um curso principal e um segundo curso de sua escolha. Mas, para participar do intercâmbio era exigido do candidato, cujo curso principal deveria ser Sociologia, que seu segundo curso fosse Etnologia (que no Brasil é identificado como Antropologia) ou outro curso afim. O que nem sempre foi possível, mas foi resolvido com a orientação da matrícula dos alunos, mediante a análise prévia de seus históricos escolares, considerando que neste período eu também era a coordenadora dos cursos de Ciências Sociais da UFPE.²⁷

Considero importante mencionar aqui que grande parte do sucesso e de nossa satisfação com o projeto se devia ao lado humano de Klaus como pessoa, como nosso anfitrião, pela atenção, gentileza e simpatia com que ele sempre nos recebia. Mesmo quando ocupadíssimo, sempre arranjava tempo para um cafezinho, uma pizza no restaurante que havia ao lado do prédio do Instituto de Sociologia (que ele adorava!) ou para um almoço ou jantar que ele, gentilmente, fazia questão de pagar, além de nos convidar para um churrasco em sua casa. Se havia um impedimento sério para nos dar atenção, ele sempre arranjava alguém para nos acompanhar e nos atender no que precisássemos.

Vou fazer aqui um parêntese para falar do choque e enorme perda para todos nós, acarretada pela morte inesperada de Klaus Eichner durante o andamento do projeto UNIBRAL II. Em 14/08/2012, ele me informou sobre sua doença: *“infelizmente estou ainda doente e não sei quando terei condições de aparecer na Universidade, trabalhar, etc.”* Mas, continuávamos a resolver por e-mail todas as coisas relativas ao UNIBRAL (a solicitação da renovação do projeto em 2012, as missões de estudo dos alunos e de trabalho dos professores). Ele me escreveu novamente em 21/08/2012, para enviar as cartas convite para as missões de trabalho minha e do professor Russell Parry Scott que seriam realizadas neste ano, e informou sobre a necessidade de realizar uma cirurgia:

²⁷ Eu exerci a função de coordenadora dos Cursos de Graduação em Ciências Sociais (Bacharelado e Licenciatura), no período de setembro de 2010 a março de 2015, o que facilitou muito todos os trâmites burocráticos relativos às atividades acadêmicas e aproveitamentos dos estudos na UFPE dos alunos intercambistas alemães e brasileiros.

“Prezada Eliane,

Em anexo as cartas convite. Eu ainda não recuperei, preciso de mais uma cirurgia em setembro.

Um abraço,

Klaus”

Transcrevo abaixo o último e-mail que Klaus me enviou, datado de 01/09/2012, no qual ele, mesmo doente, demonstra seu cuidado para com os alunos:

“Prezada Eliane,

Tudo bom? Eu mesmo estarei nas próximas duas, três semanas no hospital para uma cirurgia e preciso de uma reabilitação após. Infelizmente não posso, nesta época, tomar conta dos alunos da UFPE.

Em respeito à hospedagem vejo a situação assim: três alunos podem morar na casa de alunos (já tem contatos diretos de alunos com esta casa), uma aluna, Caroliny Wanderley escreveu, que ela não será hospedada nesta casa (provavelmente tem outra oportunidade). Informe-me, no passado, sobre outras oportunidades, talvez com sucesso.

Falta talvez ou não hospedagem para mais um aluno?

Um abraço

Klaus

No dia 10/09/2012 recebi um e-mail do Wiebke Bruns intitulado “*Sad news*”, no qual ela informava sobre a morte de Klaus, ocorrida no sábado anterior (8 de setembro). O projeto agora estava órfão de seu coordenador alemão. A sua ausência foi muito sentida por mim nesse ano, quando em outubro fui com o professor Scott para mais uma missão do UNIBRAL, que se caracterizou, principalmente, como a busca de um novo coordenador alemão para o projeto. Desde julho, cinco alunos da UFPE já estavam em Hamburgo em missões de estudo e foram eles que agendaram uma reunião com o coordenador do

curso de Bacharelado em Sociologia, Jörg Ebrecht, pois, até então, Klaus e suas assistentes eram os únicos interlocutores do projeto na Universidade de Hamburgo e eu não sabia como iria resolver a questão de sua sucessão. Através de Jörg Ebrecht agendei um encontro com a professora Anita Engels, que já coordenava o intercâmbio estudantil do Erasmus no Instituto de Sociologia. Depois de alguns encontros e longas conversas, ela informou que aceitaria coordenar o UNIBRAL. Em uma destas conversas ela me contou que Corina Eichner, esposa de Klaus, tinha lhe dito que, ainda doente, Klaus tinha pedido a ela para não deixar o projeto se acabar. Em dezembro de 2012, informei a CAPES a designação da professora Anita Engels como nova coordenadora do projeto UNIBRAL. Assim o projeto continuou, mas, de uma forma estranha no ano seguinte: a CAPES aprovou a renovação do UNIBRAL para 2013, mas o DAAD não: conforme me foi informado extraoficialmente, “eles não poderiam aprovar recursos para um professor morto”.

Em 2013, eu e a professora Maria da Conceição Lafayette de Almeida (na ocasião chefe do Departamento de Sociologia), realizamos mais uma missão de trabalho na Universidade de Hamburgo. Neste mesmo ano, eu e Anita tivemos que fazer uma nova solicitação de renovação do projeto para 2014, que foi desta vez foi aprovada pela CAPES e DAAD. Em maio de 2014, tivemos as primeiras missões de trabalho de Anita Engels e Jörg Ebrecht na UFPE, cuja questão principal a ser resolvida era o convênio de dupla titulação e os entraves burocráticos e administrativos para a emissão do duplo diploma pela UFPE para a primeira bolsista do UNIBRAL II, graduada pela Universidade de Hamburgo. Em 24/09/2014 foi emitido o duplo diploma de Vanessa Hochwald (o primeiro duplo diploma emitido pela UFPE), depois de uma longa batalha burocrática. Em outubro de 2014, eu o professor Breno Fontes levamos o diploma em mãos para ser entregue a professora Anita Engels, quando realizamos a nossa última missão de trabalho do projeto. Os últimos alunos bolsistas do UNIBRAL II (sete no total) concluíram sua missão de estudos na Universidade de Hamburgo em julho de 2015. Mas, o trabalho não acabou. Ainda precisamos que sejam emitidos duplo diplomas para 20 alunos da UFPE, pela Universidade de Hamburgo, e nove diplomas de alunos da Universidade de Hamburgo, pela UFPE. É de nossa responsabilidade, da UFPE e da Universidade de Hamburgo, concluir o trabalho por mim e Klaus iniciado, com a emissão dos duplos

diplomas que os alunos tem direito.

Para finalizar, cabe ressaltar que, se os principais beneficiários deste projeto de intercâmbio e de dupla titulação foram os próprios alunos e alunas envolvidos(as) nessa experiência de cooperação internacional²⁸, o UNIBRAL também repercutiu de forma positiva na qualidade dos cursos de Ciências Sociais, que se apresentava como um dos cursos de graduação com o maior nível de internacionalização da UFPE. Todos nós, professores e alunos do curso de Ciências Sociais, lamentamos o término do projeto, considerando a impossibilidade enviar os estudantes brasileiros para estudar na Universidade de Hamburgo sem o financiamento dos órgãos de fomento.

Entretanto, é importante informar que a parceria com o Instituto de Sociologia da Universidade de Hamburgo prossegue e alunos alemães continuarão a participar da mobilidade estudantil,²⁹ considerando a possibilidade que eles têm de obter bolsas através de outras fontes. No caso de alunos da UFPE, as possibilidades são mais limitadas. Mas, a coordenação alemã do projeto tem colaborado: este foi o caso de uma aluna da UFPE, que foi selecionada em 2015 como bolsista para um projeto de pesquisa da professora Anita Engels por um ano letivo, sendo assim viabilizada mais uma oportunidade de vivência desta rica experiência de intercâmbio na Universidade de Hamburgo para um de nossos estudantes. Em maio de 2015, houve mais uma missão de trabalho na UFPE de Anita Engels e Jörg Ebrecht, quando discutimos a possibilidade de uma proposta de trabalho conjunta para um novo projeto UNIBRAL e parcerias de pesquisa, que ainda esperamos concretizar.

A missão de Klaus acabou, mas seu legado continua. Este número

²⁸ Sem dúvida, a experiência de estudar em instituições no exterior contribui como um diferencial na trajetória escolar, formação acadêmica e vida profissional dos estudantes. Isso pode ser evidenciado, neste projeto específico, pelo fato de que, dos 30 alunos participantes do UNIBRAL do lado brasileiro, três alunos já concluíram o mestrado e se encontram realizando o doutorado e seis alunos estão realizando o mestrado, só no PPGS/UFPE. Uma aluna também se encontra realizando o mestrado na Universidade de Hamburgo. Esse número tende a se ampliar, pois alguns desses alunos ainda estão concluindo a graduação.

²⁹Uma evidência disso é o e-mail enviado pro Jörg Ebrecht, em fevereiro de 2016, no qual ele anuncia a vinda de quatro alunos alemães para UFPE, no segundo semestre de 2016, ainda denominando nossa cooperação como Programa UNIBRAL II.

especial da revista Estudos de Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, foi pensado e organizado como um registro em sua homenagem. Os autores participantes reproduzem a teia de redes e laços criados a partir de nosso convívio com ele.